3 – LEVANTAMENTO DE DADOS PARA A INTERFERÊNCIA

3.1 LEVANTAMENTO HISTÓRICO

3.1.1 A imigração alemã no Brasil

Nos anos de 1824 e 1825, foram lançadas as bases de toda a futura imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, terminando em 1830, ano em que foi sustada toda a imigração, pela total suspensão de verbas a ela destinadas, através da Lei de Orçamento de 15 de dezembro (HUNSCHE, 2000).

A localização de imigrantes germânicos no Sul do País, em 1824, atendia a dois objetivos fundamentais do recém independente Império do Brasil (FUNDAÇÃO ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL[5], 2008):

- Garantir a posse dos territórios através do povoamento e a colonização, movida por questões de segurança nacional, diante das sucessivas disputas territoriais naquela região até então erma e de fronteira;

[5] A partir deste momento do trabalho, será denominada FUNDAÇÃO SCHEFFEL.

- Introduzir uma nova mentalidade no que se refere à posse da terra, produção e mão-de-obra, contrapondo-se aos latifúndios, monocultores e escravocratas que existiam no restante do país.

Para entender como tudo isto iniciou, voltam-se uns anos na história. Em 1822, o major Jorge Antônio Schaffer foi enviado pelo Imperador Dom Pedro para a corte de Viena e demais cortes alemãs, para angariar colonos e conseguir soldados para o Corpo de Estrangeiros situado no Rio de Janeiro, sendo que este último objetivo era velado, mas mais importante que o primeiro. Era assim que o Brasil iria garantir sua independência, ameaçada pelas tropas portuguesas que continuavam na Bahia, e pela recusa de Portugal em reconhecer o novo país.

O império anunciou aos interessados que eles receberiam, no Brasil, 50 hectares de terra com vacas, bois e cavalos, além de auxílio financeiro, isenção de impostos e serviços nos primeiros dez anos, liberação do serviço militar, nacionalização imediata e liberdade de culto. A promessa foi cumprida apenas em parte. Aqui, os imigrantes receberam 77 hectares e não 50, mas não permitiram a nacionalização e a liberdade de culto, já que isso contrariava a Constituição Brasileira. Mesmo sem o cumprimento integral da promessa, o que interessava aos colonos era a posse da terra (NOVO HAMBURGO.ORG, 2008).

Naquela época, a Alemanha estava dividida em uma porção de reinados, principados e ducados, todos independentes, mas unidos precariamente pelo idioma. Ela viria a ser unificada por Bismarck, apenas em 1871. Era essencialmente rural, e a sociedade era dividida nos senhores, donos de áreas de terra, e seus servos, que cultivavam, mas não tinham a posse e cumpriam obrigações ao senhor (PORTAL APRENDE BRASIL, 2008).

3.1.2 A imigração alemã no Rio Grande do Sul

Um barco vindo da Alemanha trazia 39 esperançosos imigrantes. Deveriam ter sido 40, mas uma mulher acabou falecendo no trajeto. Destes, seis eram católicos e 33 evangélicos (NOVO HAMBURGO.ORG, 2008).

Aqui no sul, os primeiros colonizadores alemães atracaram em Porto Alegre, em 18 de julho de 1824. Depois, foram encaminhados para São Leopoldo, chegando pelo Rio dos Sinos e desembarcando na Real Feitoria do Linho-Cânhamo, em 25 de julho de 1824, onde, momentos depois de sua chegada, realizaram o primeiro culto evangélico do Estado.

A casa que abrigou os imigrantes foi erguida em outubro de 1788 e lá funcionava a Feitoria do Linho-Cânhamo, onde este vegetal era cultivado para a fabricação de cordas para os navios à vela da época (NOVO HAMBURGO.ORG, 2008).

Imagem 2: Casa na Real Feitoria do Linho-Cânhamo, em São Leopoldo – atualmente restaurada, abriga o museu do Imigrante (PREFEITURA DE SÃO LEOPOLDO, 2008).

De lá para cá, passaram-se mais de 180 anos. As cidades colonizadas prosperaram, houve progresso em toda a região, e os alemães se espalharam não só pelo Estado como por outras cidades do Brasil. Desde a fundação de São

Leopoldo, aproximadamente 300 mil alemães vieram para o Brasil. Depois de colonizar o Rio Grande do Sul, ainda no século 19, eles subiram para Santa Catarina e seguiram rumo ao Espírito Santo, marcando presença no Paraná e, em menor escala, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Segundo Hunsche (2000), o sucesso da colonização, pelos alemães, na Província de São Pedro deveu-se a alguns fatores como: o clima e a fertilidade. O clima teve papel importante já que era ameno e apropriado, muito familiar ao habitat germânico. As terras, por sua vez, eram onduladas e férteis, além de estarem cobertas de florestas, ponto crucial para o sucesso, já que a raça germânica, desde tempos imemoriáveis, tem preferido se estabelecer em florestas. Outra causa importante para o êxito da imigração e colonização alemã no sul do Brasil foi a implantação, pela primeira vez, da pequena propriedade rural agrícola, e não pecuária como a dos açorianos.

O latifúndio foi substituído, no sul do país, por uma democracia rural, bastante apropriada à formação de um profundo sentimento de apego a terra trabalhada.

A colonização alemã foi de suma importância para o Rio Grande do Sul, já que alterou a ocupação de espaços, levando gente para áreas até então desprezadas e desabitadas. Introduziu também outra grande modificação, já que, até aquele momento, a classe média brasileira era insignificante e se concentrava nas cidades. Os colonos alemães acabaram formando uma classe de pequenos proprietários e artesãos livres em uma sociedade dividida entre senhores e escravos (PORTAL APRENDE BRASIL, 2008).

3.1.3 A formação de Novo Hamburgo

As primeiras povoações de Novo Hamburgo datam do século XVIII, quando imigrantes açorianos se instalaram na parte noroeste da cidade, hoje bairro conhecido como Rincão dos Ilhéus, ou simplesmente Rincão. Esta primeira tentativa de colonização com açorianos não deu resultado, somente com a vinda de alemães é que a colonização vingou.

Em 1824, os imigrantes alemães começaram a chegar à colônia de São Leopoldo e logo desenvolveram uma próspera sociedade rural na região do Vale dos Sinos. Pouco depois, começaram a aparecer pequenos núcleos urbanos nas colônias, e uma delas ficava na área de *Hamburgerberg*[6], principal núcleo de colonização germânica em Novo Hamburgo, a partir de onde se origina a cidade atual.

Mesmo o governo adotando o traçado regular para a divisão das novas terras entre os imigrantes (desenho hipodâmico[7]), o autor Günter Weimer, comenta no livro "Origem e Evolução das cidades rio-grandenses" que, por mais que fiscalizassem a implantação das povoações e acompanhassem seu crescimento, foram surgindo diversas conurbações[8] que fugiram do seu controle. Este foi o caso típico de Hamburgerberg.

Um agrupamento de casas formou o primeiro núcleo de comércio da localidade. Surgiu por ser local de bifurcação de estradas e passagem obrigatória para a capital. Foi essa posição geográfica que contribuiu para o desenvolvimento da

---

[6] Hamburgerberg: Morro do hamburguês.

[7] Traçado racional em xadrez.

[8] Conurbações : É quando um município ultrapassa seus limites por causa do crescimento e com isso encontra-se com os municípios vizinhos (WEIMER, 2004).

região. Logo, a localidade se transformou em um centro de comercialização de produtos da região.

Sendo assim, Novo Hamburgo teve sua origem em Hamburgo Velho, nas suas casas comerciais e de artefatos que se estabeleceram no entroncamento de importantes estradas do século passado: o caminho das tropas, que vinham dos Campos de Cima da Serra e a Estrada do Norte (ver Anexo 7). Desde as picadas de Dois Irmãos, Bom Jardim e Travessão, essas vias encontravam-se para, logo em seguida, dividirem-se rumo ao Sul - via São Leopoldo em direção ao Oeste - via Porto dos Guimarães (São Sebastião do Caí). Confluência de caminhos, o povoado cresceu espontaneamente com ruas estreitas, largos, becos, praças, casario e quintais (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

Imagem 3: Hamburgo Velho, por volta de 1850 (WEIMER, 2004).

> No entroncamento da estrada de São Leopoldo para Dois Irmãos, com a derivação para Sapiranga, com construída uma "venda" por Johann Peter Schmitt. Como era comum na época, o vendeiro tratou logo de construir uma igreja nas imediações de seu estabelecimento. Como a igreja servia de escola, teve que ser construída uma casa para o professor e para o pastor. Na continuidade deste processo foi surgindo um *Weiler,* que no Brasil era chamado de *lugar.* Com a agregação de novas construções surgiu uma típica aldeia-ponto alemã, com quarteirões das mais diversas dimensões separados por ruas irregulares perfeitamente adaptados às curvas de nível (WEIMER, 2004).

O imigrante Johann Peter Schmitt foi um dos pioneiros em *Hamburgerberg*. Estabeleceu-se em uma casa como comerciante, por volta de 1830. A antiga venda funcionava no salão da casa como armazém de secos e molhados, drogaria, armarinho e bar, fazendo o abastecimento dos tropeiros. Quando Schmitt faleceu, sua esposa Catharina continuou a atividade comercial.

Imagem 4: Casa Schmitt-Presser, antes do rebaixamento da rua (PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO, 2008).

Em 1923, com o rebaixamento da Rua Gal Daltro Filho, foram acrescentadas grossas paredes de pedra e tijolo aos alicerces originais do prédio originalmente de Johann Peter Schmitt e este ganhou, assim, mais um pavimento. Neste espaço, Edwino Rodolfo Presser, casado com uma neta de Schmitt, reabriu a "venda". Comercializou tecidos, miudezas e alguns produtos de armazém, até 1973.

Conservando esta história, o prédio se transformou no Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser.

Imagem 5: Casa Schmitt-Presser, com mais um pavimento, após o rebaixamento da rua. (PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO, 2008).

Conforme a Fundação Scheffel (2008), a aposta dos alemães mostrou resultados com o surgimento de várias casas comerciais. Era ali que acontecia a vida social dos colonos. Anos depois, em 1832, os imigrantes estabelecidos em Hamburgerberg fundavam sua comunidade de culto evangélico, a Igreja dos Três Reis Magos. De colônia agrícola - onde a imigração introduzia a pequena propriedade, a mão-de-obra livre, as culturas diversificadas e desenvolveu o comércio - a região onde hoje se encontra Novo Hamburgo especializou-se na produção coureiro-calçadista.

Ainda, segundo a mesma fonte, por volta de 1850, apareceram os primeiros curtumes, as selarias e as oficinas dos sapateiros. Os colonos, peritos no trabalho com o calçado, já eram responsáveis pelo abastecimento do estado gaúcho com seus produtos artesanais. Em 1857, seria a sede do quarto distrito de São Leopoldo, com o nome de Nossa Senhora da Piedade de Hamburgerberg e, em 1875, a Lei número 1.000 elevou Hamburgerberg à categoria de freguesia e distrito de São Leopoldo, uma vez que Novo Hamburgo não era independente do município vizinho.

Imagem 6: Vista aérea de Hamburgerberg, Rua
Gal Daltro Filho (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Imagem 7: Rua Gal. Daltro Filho,
Hamburgerberg (PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO, 2008).

No final da década de 1880, ao lado da casa de Johann Peter Schmitt, Adão Adolfo Schmitt construiu um novo casarão, em estilo neoclássico. O prédio serviu à comunidade de imigrantes como residência, casa comercial, hotel e até um hospital (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008). Como último uso, abrigou uma escola estadual, o Grupo Escolar Antônio Vieira.

Imagem 8: Casarão em estilo neoclássico, erguido em 1880 (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

O crescimento vertiginoso da região foi o principal impulsionador para a chegada do trem até Novo Hamburgo. O veículo, na época muito moderno, chegou à cidade em 1876. A linha do trem se estendia de Porto Alegre até Canela, na Serra gaúcha (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

A estação de Novo Hamburgo foi construída no centro da cidade, uma localidade então deserta que ficava antes do povoado de Hamburgerberg. Assim, o movimento comercial foi deslocado em 3 km, surgindo a "New Hamburg", fazendo com que este núcleo facilmente progredisse, deixando o original em situação secundária.

O transporte ferroviário foi um facilitador para os moradores da colônia, tanto para escoamento de cargas, como para transporte de passageiros, já que, até então, tudo era transportado com carretas de boi ou a pé. Através destes trilhos, passageiros e produção local podiam ser transportados para o centro do Estado com uma rapidez surpreendente para a época. Em 1903, a estação de Hamburgerberg - ou Hamburgo Berg - foi aberta no prolongamento da ferrovia entre Novo Hamburgo e

Taquara. A estação foi aberta com esse nome, depois alterado para Hamburgo Velho, em contraposição a Novo Hamburgo (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Acompanhando uma tendência de todo o Brasil de substituir linhas férreas por rodovias, em 1963, a linha Novo Hamburgo – Canela foi desativada, e a estação foi demolida (MOEHLECKE, 2000).

Imagem 9: Estação de trem (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Em meados da década de 20, Novo Hamburgo era uma próspera vila de São Leopoldo. As indústrias coureiro-calçadistas já começavam uma intensa produção de peças, o comércio de expandia, e os prestadores de serviços tinham muita atividade no perímetro desta vila.

Imagem 10: Rua Gal. Daltro Filho, em 1920, ponto de encontro e movimentação, antes do rebaixamento da rua (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Foi a partir desta prosperidade que surgiram as primeiras intenções de fazer de Novo Hamburgo um município independente de São Leopoldo. Em 1927, por causa da evolução comercial e, principalmente pela mobilização da população local, que assim o desejava, a cidade se emancipou de São Leopoldo, pelo Decreto n.º 3818, de 5 de abril. O núcleo original, Hamburgo Velho, passou a segundo distrito do recém criado Município.

No ano de 1924, para comemorar o centenário da imigração alemã, foi proposto um concurso público, do qual o arquiteto alemão Ernest Seubert foi o vencedor. Foi erguido, em Hamburgo Velho, o Monumento ao Imigrante, inaugurado 1927, sendo que este se tornou um marco importante para o município (ver Anexo 8).

Imagem 11: Monumento ao
Imigrante (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

Em 1929, Novo Hamburgo produzia 2.369.094 sapatos para crianças e adultos. O crescimento continuou, e a economia da cidade tomava forma. Acredita-se que, em 1961, foram confeccionados em torno de dez milhões de calçados no município (PETRY apud SCHÜTZ, 2001a).

Em 1935, a sede foi elevada à categoria de cidade. Com as contínuas emancipações no Estado, em 1959, parte da área de Novo Hamburgo foi desmembrada para a formação de Campo Bom. A partir de então, acelerou sua industrialização, tornando-se um dos pólos econômicos do Vale dos Sinos. Entre 1931 e 1959, Novo Hamburgo teve um grande crescimento e passou a contar com: Corpo de Bombeiro, agência dos Correios e Telégrafos, Penitenciária, Posto de Higiene, o Sanatório Regina, em 1930, o Hospital Darci Vargas, entre outros. Em 1955, ocorreu a evolução do transporte coletivo de passageiros, com a construção da Estação Rodoviária. Nesta época, quase todos os bairros já tinham ônibus ligando-os com o Centro. Em 1963, a FENAC, 1ª Festa Nacional do Calçado, foi inaugurada em um terreno de 18 hectares, com pavilhão para exposição agro-industrial, que também oferecia atividade cultural, parque de diversões, concursos

cinderela, de vitrines e de cartazes, premiação aos melhores vendedores, brindes ao público e desfiles (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Novo Hamburgo se desenvolveu economicamente com a indústria e comércio do calçado. Este crescimento se deu de forma bastante rápida e acabou atraindo inúmeros imigrantes. Assim, a partir da década de 60 e 70, a cidade recebeu um grande número de imigrantes vindos de locais com predominância do setor agrícola que, atraídos pela grande oferta de emprego, constituíram a mão-de-obra calçadista. Esta migração originou a maior parte dos problemas sociais, pela incapacidade do poder público de acomodar todos adequadamente.

Até o início da década de 90, a indústria era praticamente formada apenas pelo setor coureiro-calçadista. Atualmente, com o avanço industrial e em conseqüência da crise no setor calçadista nos anos 90, a economia local diversificou-se e outros setores destacam-se, dentre eles, pode-se citar o setor plástico e metal-mecânico, além de indústrias farmacêuticas, cosméticos, móveis, carrocerias, alimentos, eletrodomésticos, vestuário, gráficas de última geração, informática, química, construção civil, entre outras.

A FENAC passou de feira do calçado a Centro de Eventos; todos os anos, ocorre, além da tradicional feira calçadista, a FIMEC (Feira de Máquinas para Calçados), a Courovisão e a Ecovisão, atraindo pessoas de outros estados e de outros países.

Na área de comércio exterior, o principal produto de exportação de Novo Hamburgo ainda é o calçado, sendo que cerca de 80% das exportações brasileiras de calçado saem do Rio Grande do Sul, e Novo Hamburgo representa o centro dessas operações. Além da indústria, Novo Hamburgo é reconhecido hoje como o maior pólo comercial do Vale dos Sinos, tendo uma atividade comercial com mais de 5.500 estabelecimentos, e destaque também para o setor de serviços, que hoje é uma das principais atividades econômicas do Município, com mais de 7.700

estabelecimentos de várias áreas. Para atender toda esta demanda, seja do comércio interno ou do comércio internacional, há, em Novo Hamburgo, serviços de apoio como agentes de carga, despachantes, corretoras, transportadoras, escritórios de empresas de navegação, agentes de exportação, exportadoras e tradings, sem falar na presença de importantes bancos (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Recentemente, com a transformação da Feevale em Centro Universitário, Novo Hamburgo se tornou também um pólo universitário, atraindo jovens de várias procedências.

3.2 LEVANTAMENTO DO CONTEXTO URBANÍSTICO

3.2.1 Características gerais do município

Novo Hamburgo é um município localizado no Vale do Rio dos Sinos, região metropolitana de Porto Alegre, distante quarenta quilômetros da capital. A principal via de acesso a Novo Hamburgo é a BR-116. A cidade também conta com a Rodovia Estadual RS-239, que faz a ligação de Novo Hamburgo a Taquara. A população, em 2006, era estimada em 258.754 habitantes (IBGE, 2007).

Imagem 12: Vias de acesso de Novo Hamburgo (GOOGLE EARTH, 2008).

O município é banhado pelo Rio dos Sinos ao Sul e compreende uma área de 223,606Km², sendo que a área rural, o bairro Lomba Grande, compreende 156Km². Os limites territoriais são: os municípios de Dois Irmãos e Ivoti ao Norte; Estância Velha a Noroeste; São Leopoldo e Sapucaia, a Sudoeste, Gravataí a Sudeste; e Campo Bom, Sapiranga e Taquara a Leste (SCHÜTZ, 1992b).

Imagem 13: Limites de Novo Hamburgo (SCHÜTZ, 1992b).

As coordenadas geográficas são (SCHÜTZ, 1992b):

- latitude sul, 29º45' à 29º50';
- longitude oeste, 70º e 50º;

A altitude média é de 57 metros, onde a máxima é de 345,40 metros, no morro Dois Irmãos, e a mínima é de 5,70 metros, na Praça do Imigrante. A região localiza-se na Zona Subtropical, sendo este o clima predominante. Os invernos são curtos, com pluviosidade regular, e os verões são relativamente quentes. As temperaturas médias ficam entre os 3º e 29º C (SCHÜTZ, 1992b).

A temperatura média anual fica em torno de 19°C. Conforme dados do SERVIÇO DE METEOROLOGIA (2008), o vento dominante é sudeste, o ano todo. Salienta-se que não são dados totalmente representativos pelo fato de serem

medições de apenas dois anos (pelas Normais Climatológicas devem ser 30 anos de medições) e, ainda, em uma zona rural (Lomba Grande).

Tabela 1: Informações climatológicas da região (SERVIÇO DE METEOROLOGIA, 2008).

Radiação Solar (Horas/ sol)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Real	7,40	7,00	7,30	6,10	6,10	5,20	5,20	5,80	5,60	5,90	7,90	7,70
max	13,00	12,70	12,00	11,00	10,50	9,50	10,50	11,00	12,00	12,50	13,00	13,50
	57%	55%	61%	55%	58%	55%	50%	53%	47%	47%	61%	57%

Temperatura (Cº)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Ext. max.	39,4	39,3	39,3	36,3	33,8	32,4	32,6	35,6	39,1	38,8	40,4	40,4
Md max.	31,5	30,9	30,4	26,4	23,1	20,2	19,4	22,1	22,6	25,9	28,4	30,7
Média	25,0	24,6	23,8	20,4	17,0	14,6	23,8	15,8	18,8	20,0	22,0	24,0
Md min.	20,4	20,3	19,4	16,4	13,0	11,0	10,0	11,4	12,6	15,7	17,0	19,2
Ext. min.	11,6	11,8	10,4	5,7	2,1	0,0	-0,7	-0,5	3,9	5,3	7,5	11,3

Precipitações (mm/ mês)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Max.	109,3	83,5	66,0	100,9	63,7	109,2	113,7	62,1	110,3	80,0	50,5	60,6
Méd.	152,6	107,5	96,1	143,7	85,6	153,2	161,9	110,3	151	164,7	116,8	124,3
Min.												

Umidade (%)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Md. max												
Med.	71	74	74	78	80	82	80	77	77	74	70	70
Md. min.	29	31	27	31	29	29	27	19	20	22	23	20

Ventos (direção/ velocidade: m/s)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Dir.	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE	SE
Veloc.	3,30	3,00	4,00	3,20	3,00	3,30	3,20	3,50	3,90	3,70	3,80	4,00

Em relação à economia, Novo Hamburgo é reconhecida nacionalmente como a Capital Nacional do Calçado.

A cidade também conta com importante patrimônio cultural e arquitetônico a preservar, cujo inventário, elaborado pelo arquiteto Aloísio Eduardo Daudt, em 1994, elenca 400 unidades de interesse a preservar. Por toda a cidade, encontram-se valiosos exemplares de construções ecléticas e neoclássicas. No centro, há uma igreja em estilo neogótico. Em Hamburgo Velho, há exemplares em enxaimel, neoclássicos e Art Decó.

3.2.2 O bairro Hamburgo Velho

Ainda hoje Hamburgo Velho, bairro histórico da cidade, preserva uma rica paisagem urbana e as referências da imigração alemã ainda persistem com as tipologias arquitetônicas, a escala de assentamento e o modo de vida, formando uma área singular em relação ao resto da cidade. O bairro está situado no centro-leste do município de Novo Hamburgo. Com terreno acidentado, possui 1,774 Km² (dado coletado na Prefeitura de Novo Hamburgo) e se localiza na área mais elevada da cidade, por isso a origem do nome (já citada na página 18), dados por seus primeiros moradores, alemães.

Imagem 14: vista de Hamburgo Velho, a partir do morro de Campo Bom, em direção à Novo Hamburgo.

De acordo com dados oficiais do IBGE, em 1990, a população era de 2.406 habitantes, e, em 1995, este número passou para 2.709 habitantes (dados estimativos do IBGE-1995). No bairro, ainda existem resquícios da imigração, sendo que 93% dos moradores são de origem alemã, e ainda se fala o idioma alemão, principalmente o dialeto Hunsrückisch (SCHÜTZ, 1992b). Mesmo com a proibição de usar o dialeto alemão, inclusive dentro dos lares, na era Vargas, o dialeto foi diminuído de uso, mas não foi extinto e continua sendo usado na região.

O bairro limita-se ao Norte com os bairros São José, São Jorge e Vila Nova; a Leste e ao Sul com o bairro Canudos; a Sudoeste com o Jardim Mauá; ao Oeste com o Centro e Guarani.

Conforme Schütz (2001a), o bairro Hamburgo Velho é formado pelo polígono das seguintes ruas e avenidas, mostradas na imagem 15: Av. Victor Hugo Kunz, Rua Frederico Mentz, linha imaginária do prolongamento do eixo da Rua João E. Bohn, linha imaginária do prolongamento do eixo da Rua Araranguá, Rua Araranguá. Rua Eng. Jorge Schury, Rua Henrique A. G. Steimeyer, Rua Gal. Daltro Filho, Rua Barão do Guaíba, Rua Vidal Brasil, Rua Sapiranga, projeção da Av. Francisco Manuel da Silva, Rua Almiro Lau, Rua Oreste Travi, Rua Curupaiti, Av. Maurício Cardoso e Rua Santos Pedroso até a Av. Victor Hugo Kunz, Rua Anchieta (São Jorge/Hamburgo Velho).

Imagem 15: limites do bairro Hamburgo Velho (Adaptado do PDUA de Novo Hamburgo, 2008).

Hamburgo Velho abriga uma vasta área verde de preservação ambiental. O Parque Henrique Luiz Roessler, conhecido como Parcão, foi instituído por lei em 1990, sendo uma conquista ambiental obtida através do engajamento da população, especialmente ligada à Fundação Scheffel e movimentos preservacionistas (estudantes, ambientalistas, moradores).

Além desta área, o bairro possui três praças: Praça João Henrique Heinsfeld; a Praça Mauá, que se localiza junto ao largo da antiga Estação Hamburgerberg, na Av. Victor Hugo Kunz e Rua Mauá; e a Praça Monsenhor Edmundo Backes - ex-Praça da Matriz (SCHÜTZ, 2001a).

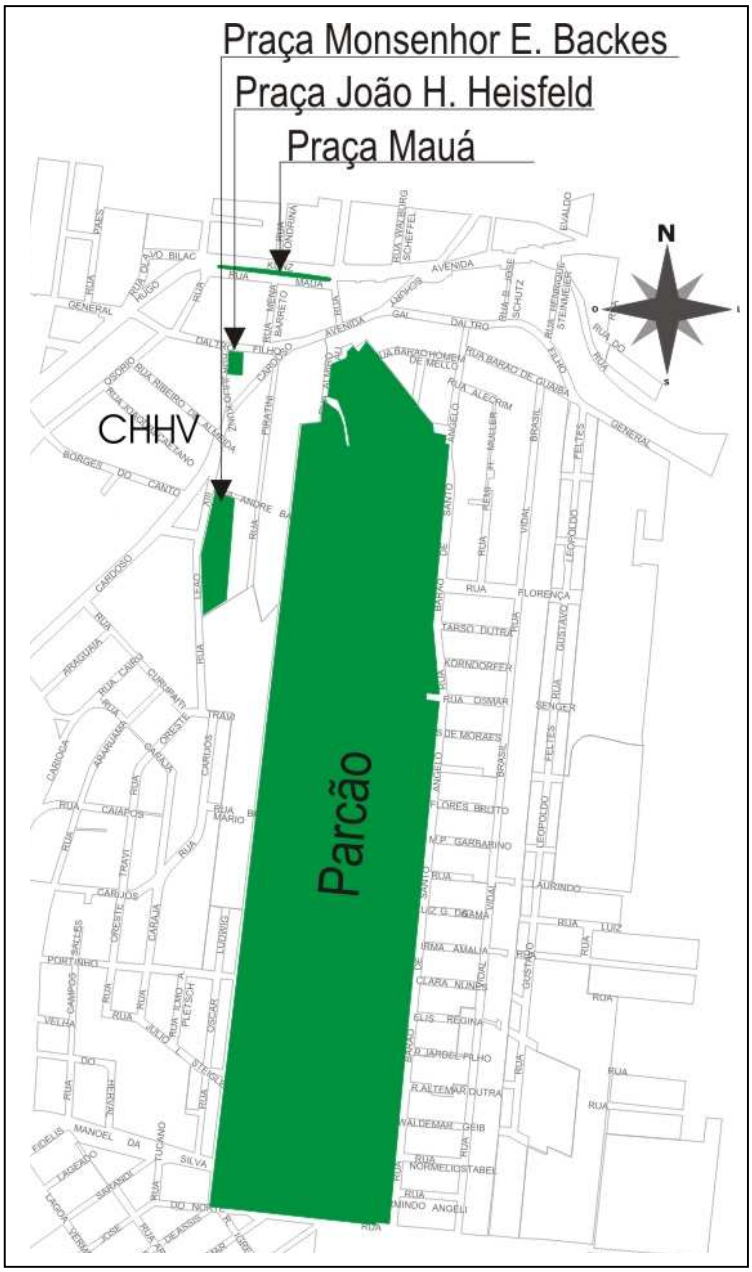

Imagem 16: Praças e Parques de Hamburgo Velho (Adaptado do PDUA, 2008).

3.3 LEVANTAMENTO DO CONTEXTO CULTURAL

3.3.1 O patrimônio edificado

Hamburgo Velho é o bairro que ainda conserva razoável parte de seu patrimônio cultural relativo à imigração alemã como: dois exemplares de casas autênticas construídas em técnica enxaimel (uma delas tombada pelo Patrimônio Histórico-IPHAN), um prédio em estilo neoclássico (Fundação Ernesto Frederico Scheffel), além de várias outras casas em estilo eclético ou neoclássico.

Também há dois cemitérios (o Evangélico e o Católico), que contam com diversas lápides, executadas por volta 1890, e esculpidas com detalhes góticos e renascentistas, e duas igrejas: a Igreja Evangélica dos Reis Magos e a Igreja Nossa Senhora da Piedade, ambas contando com belíssimos vitrais.

Além destes, Hamburgo Velho também conta com obras do arquiteto alemão Theo Wiederspahn (ver Anexo 9), como: Fundação Evangélica, na Rua Gal. Daltro Filho; uma pensão e a fábrica Hass, ambas na Rua Gal Osório

Algumas destas obras tiveram co-autoria do também arquiteto alemão, Ernest Seubert, que, além das citadas, projetou o Monumento ao Imigrante; a 2ª Igreja Nossa Senhora da Piedade - católica (a 1ª foi demolida), e sua própria residência, na Rua Dr. Maurício Cardoso, entre outras.

Um fato curioso a salientar é que o bairro não possui nenhum prédio tombado pelo Patrimônio Histórico, Cultural e Natural de Novo Hamburgo. O município de Novo Hamburgo possui a Lei de Tombamento 007, de 07/01/1992, mas só foi utilizada em 2007, com o primeiro tombamento em Lomba Grande e, posteriormente, no centro.

Este fato chama atenção, e uma das causas pelas quais pode ter ocorrido, em Hamburgo Velho, é em função do tombamento, pelo IPHAN, em 1986, da Casa Schmitt-Presser, que protege o entorno e, dessa forma, “isentou” a Prefeitura de alguma medida mais incisiva (ver Anexo 10).

Acredita-se que a real causa para a ausência de medidas em relação aos tombamentos esteja ligada a questões políticas, já que há um histórico de longa data no local sobre o “medo” que os proprietários têm de possuir um imóvel tombado (ver Anexos 11 e 12).

Apesar da omissão da prefeitura, entre 1992 e 2007, houve um trabalho de levantamento patrimonial, em parceria com IPHAN, em que um grupo de profissionais, liderado pelo arquiteto Aloísio Eduardo Daudt, inventariou cerca de 400 casas no município, muitas delas em Hamburgo Velho, com interesse de preservação. Neste inventário, também está incluído o Monumento ao Imigrante, tombamento imposto pelo Ministério Público Estadual à Prefeitura de Novo Hamburgo.

3.3.2 A Hamburgerberg Fest

Nas ruas de Hamburgo Velho ocorre, anualmente, em outubro, a *Hamburgerberg Fest*, que conta com música típica, apresentações de danças alemãs, venda de artesanatos e comidas típicas.

A festa ocorre desde 1990, foi idealizada pelo Movimento Amigos de Hamburgo Velho, com o intuito de ativar o movimento pró-preservação, iniciado por Scheffel, através de uma festa que resgatasse a cultura do povo alemão.

O início das festividades é após o culto da Igreja Evangélica dos Três Reis Magos, dura o dia todo, terminando ao anoitecer e é prestigiada, principalmente, pela

própria comunidade, é uma festa para os hamburguenses, a divulgação não é feita em outras cidades (ver Anexo 13).

3.4 LEVANTAMENTO DO SISTEMA VIÁRIO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Com o intuito de obter dados que contribuam para a posterior intervenção, sentiu-se a necessidade de executar um levantamento das ruas mais significativas do bairro estudado.

As vias que fazem parte deste levantamento são as seguintes:

- Rua Gal Daltro Filho, entre a Avenida Victor Hugo Kunz e a Rua Santo Ângelo;
- Rua Gal Osório, em toda sua extensão;
- Rua Frederico Mentz, em toda sua extensão;
- Rua Mena Barreto, em toda sua extensão;
- Rua Marquês de Souza, entre a Rua Gal Daltro Filho e a Av. Victor Hugo Kunz;
- Rua engenheiro Jorge Schury, entre a Rua Gal Daltro Filho e a Av. Victor Hugo Kunz;
- Rua Júlio Kunz, em toda sua extensão;
- Av. Dr. Maurício Cardoso, entre a Rua Ribeiro de Almeida e a Rua Gal Daltro Filho;
- Rua Ribeiro de Almeida, em toda sua extensão;
- Rua Borges do Canto, em toda sua extensão;
- Rua Mauá, em toda sua extensão.

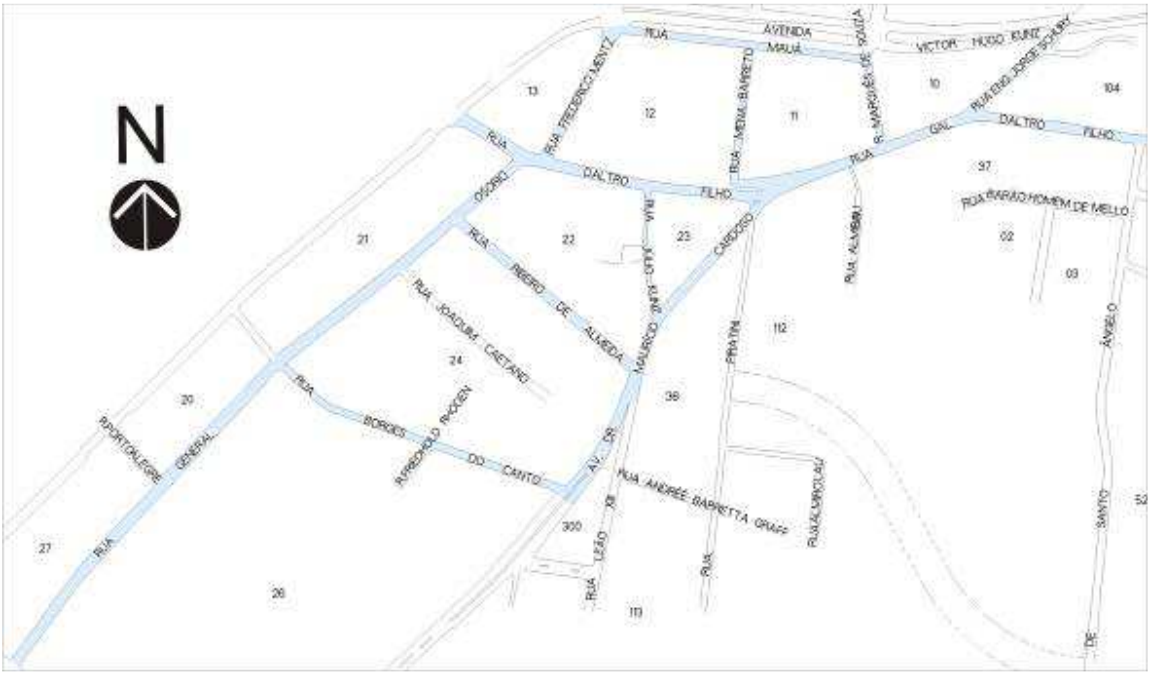

Imagem 17: Vias a serem estudadas (Adaptado do PDUA, 2008).

3.4.1 Rua General Daltro Filho

Apesar de ser uma das ruas que originaram o bairro (era uma das rotas dos tropeiros), só foi instituída em 31/12/76, pela Lei 108/76. Faz parte do CC NH-HV[9], é a principal e mais extensa via do bairro, com traçado orgânico, corta o bairro no sentido leste-oeste, na sua parte mais elevada a Oeste liga à Avenida Dr. Mauricio Cardoso e recebe todo o seu fluxo, com trânsito nos dois sentidos.

Permite tráfego de veículos pesados, como caminhões e ônibus, o que tem causado fissuras nos prédios em conseqüência das trepidações. Em conseqüência disso, a Prefeitura de Novo Hamburgo foi notificada pelo IPHAN[10], já que nesta rua encontra-se um prédio tombado pelo Instituto (ver Anexo 14).

---

[9] Corredor Cultural de ligação Novo Hamburgo-Hamburgo Velho.

[10] - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em relação aos prédios, esta via apresenta as seguintes características: a maior parte dos prédios é residencial de um pavimento, há também alguns prédios de serviços como companhias de exportação, pequenos comércios e prédios institucionais (Casa Schmitt-Presser e Fundação Scheffel), um templo religioso, uma igreja e uma escola. Algumas casas são de dois pavimentos. As edificações, em geral, com exceção dos anteriores expostos, estão mal conservadas. As casas não possuem canalização cloacal, e sim sumidouros, e há canalização pluvial.

Ainda conserva exemplares de vegetação original, mas estas, muitas vezes, estão em mau estado de conservação, ou outras bloqueiam as fachadas de alguns prédios históricos.

Imagens 18 e 19: árvores bloqueiam visuais das fachadas.

A pavimentação, atualmente asfáltica, está sobre a pavimentação de pedra irregular original. Não há faixas de segurança para travessias de pedestres e existem três semáforos: um com o cruzamento da rua com a Av. Victor Hugo Kunz; o outro fica no entroncamento com a Av. Dr. Maurício Cardoso, e o último fica no cruzamento da Daltro Filho com a Rua Santo Ângelo. A iluminação pública é satisfatória, e toda a rede elétrica e telefônica é aérea, poluindo a visão geral da área. Há deficiência de mobiliário urbano como bancos, e o mobiliário existente é

inadequado ao local, as paradas de ônibus destoam do conjunto, os postes de iluminação não têm nenhum tratamento ou design que valorizem o conjunto. No geral, o mobiliário ou está ausente, ou está, muitas vezes, em lugares inadequados, bloqueando ou poluindo a visual do conjunto arquitetônico e urbanístico da área.

Imagens 20 e 21: a fiação elétrica aérea e os postes acabam poluindo e prejudicando a visão dos prédios.

A rua abriga os prédios de maior valor a preservar como: Casa Schmitt-Presser, tombada pelo Patrimônio Histórico; Fundação Scheffel, Casa Dietschi, Lar das Meninas e Casa Kayser.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 68 - MAPA 1/7.

a) Casa Schmitt-Presser

Conforme a Fundação Scheffel, a casa de Johann Peter Schmitt foi construída na primeira metade do século XIX e ali também funcionava sua

“venda”[11], um dos mais importantes estabelecimentos comerciais da região. A casa constitui-se num dos mais antigos exemplares, no Rio Grande do Sul, de arquitetura enxaimel[12], característica das áreas de imigração germânica. A casa teve a sua preservação defendida por iniciativa do artista Ernesto Frederico Scheffel, a partir de 1975. Somente em 1981, a casa foi declarada de Utilidade Pública pela Prefeitura Municipal e, em 1985, tombada como Patrimônio Histórico Nacional, pela SPHAN, atual IPHAN (ver Anexo 15). Foi a primeira casa em técnica enxaimel a ser reconhecida e tombada pelo IPHAN como monumento nacional. A efetiva recuperação da casa foi iniciada em 1990, com recursos da Prefeitura Municipal e do IBPC[13]. Finalmente, em 1994, a casa restaurada foi reaberta à comunidade.

Imagem 22: Casa Schmitt-Presser após a restauração.

---

[11] As "vendas" eram os lugares de maior movimento na região colonial, onde se realizavam operações comerciais, trocas de informações e encontros sociais. Os vendeiros eram pessoas de prestígio e poder que comunicavam-se direta ou indiretamente, com a capital da Província. Eram bem informados exerciam controle sobre as transações econômicas dos colonos (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

[12] Neste sistema construtivo, as paredes são formados por um tramado de madeira onde as peças horizontais, verticais e inclinadas são encaixadas entre si e os vãos, posteriormente, são preenchidos com taipa, adobe socado, pedra e outros materiais disponíveis, muito usado na colonização germânica (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

[13] Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.

Atualmente, é o Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser. Mantém o atendimento a escolas, eventos de música, exposições temporárias e apoio à pesquisa histórica (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

b) Fundação Scheffel

Localiza-se na Rua Gal. Daltro Filho, 911. O prédio foi construído por volta de 1880, por Adão Adolfo Schmitt, em estilo neoclássico, para servir de residência e casa de comércio. Nos fins de semana, realizavam-se bailes ali.

No decênio de 1970, com o contrato feito entre a Prefeitura Municipal e o artista plástico Ernesto Frederico Scheffel, o prédio foi desapropriado e restaurado para abrigar a Galeria de Arte do artista. A escada lateral foi construída para o acesso privativo à residência e foi construído um anexo nos fundos para apoio às necessidades da galeria. Ainda hoje, o prédio é sede da Pinacoteca da Fundação Scheffel. É uma das maiores pinacotecas do mundo em acervo de um mesmo artista vivo, com mais de 350 obras do artista que deu nome ao espaço (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

Imagem 23: Casarão em estilo neoclássico, atualmente é a Fundação Scheffel.

c) Casa ao lado da Fundação Scheffel

Prédio de dois pavimentos em médio estado de conservação. Era usado como residência e, atualmente, está desocupado. Possui interesse de preservação.

As árvores existentes bloqueiam a visual do prédio, fazendo com que as pessoas que passam na área nem o notem.

Imagem 24: Casarão ao lado da Fundação Scheffel.

O bloqueio das árvores é tanto que não se percebe, à primeira vista, que o prédio tem mais um pavimento, sem contar o sótão.

Imagem 25: Nesta foto se vê o pavimento superior.

d) Padaria Reiss

A antiga padaria do bairro iniciou suas atividades em 1923, como uma das mais modernas da região, equipada com um dos primeiros fornos a vapor do Estado, e funcionou até 1943. Após, foi restaurada e usada até pouco tempo atrás como escritório de empresas e, atualmente, está desocupada. Possui interesse de preservação (FUNDAÇÃO SCHEFEL, 2008).

Imagem 26: Prédio da Padaria Reiss atualmente.

e) Casa Dietschi (Casa da Lira)

Prédio em frente à Fundação Scheffel, na Rua Gal. Daltro Filho, nº 856, de dois pavimentos com porão e sótão, foi construído entre 1898 e 1900, pelo construtor licenciado Hugo Lipp, para servir de residência para um casal com um filho. Mais tarde, o sótão foi ocupado por estudantes, funcionando ali um pensionato, enquanto o térreo era usado pelo casal (Samuel Dietschi) e também por salas de aula (a casa abrigou uma escola de música). Em 1960, foi acrescentada uma cozinha no térreo, resultando, no pavimento superior, um terraço. No acesso lateral ao pavimento superior, havia uma escada simples, que, na década de 20, foi substituída pelo atual alpendre e uma escada de estilo eclético (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008)

Está em médio estado de conservação, com interesse de preservação e, atualmente, é um atelier de artes, com obras nacionais e internacionais, de renomados artistas como: Leopoldo Gotuzzo, Renzo Gori, Oswaldo Teixeira, Manuel Madruga, Torquato Bassi, Oscar Crusius, e também de artistas locais como Anderson Neves, Marciano Schmitz, Flávio Scholles e Carlão.

Imagem 27: Casa Dietschi, ou Casa da Lira, atualmente.

f) Cinema Aída

Prédio de quatro pavimentos, hoje abriga um templo religioso, mas sua atividade original era um cinema, em estilo eclético, que trazia grande movimentação ao bairro. Foi reformado para abrigar o templo, recebeu novos elementos na fachada, descaracterizando-o.

Imagem 28: Fachada original do cinema Aída (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Imagem 29: Fachada descaracterizada.

g) Prédio Olá Maracanã

Prédio de um pavimento, construído em 1950, em estilo Art Decó. Sempre teve função comercial, abrigou uma casa lotérica e depois um bar, chamado Olá Maracanã. Tem um elemento de destaque: um “chapéu” que faz a iluminação do prédio à noite. Tem interesse de preservação e, hoje, encontra-se desocupado.

Imagem 30: Prédio conhecido como “Olá Maracanã”.

h) Casa Ody

Também conhecida como Kroeff, foi construída originalmente em estilo enxaimel, em 1850. Situa-se na Rua Gen. Daltro Filho, nº 924.

Esta casa estava em mal estado de conservação, foi totalmente demolida e reconstruída, sendo que a “cópia” ainda teve alterações da casa original. Por essa razão, não representa nenhum valor como patrimônio autêntico.

Imagem 31: Casa Ody original (OLIVEIRA, 1999).

Imagem 32: Casa Ody reconstruída.

i) Casa Streb

Prédio de um pavimento com porão e sótão construído antes de 1890. Possuía três acessos e havia bandeiras em arco nas janelas e portas. Foi modificado diversas vezes em seus aspectos arquitetônicos e teve vários usos ao longo dos anos. Inicialmente, foi uma casa de bailes populares, freqüentada por pessoas de toda a região e todas as classes sociais (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

Posteriormente, foi uma venda, um supermercado. Em médio estado de conservação, hoje, abriga a SEMSA – Secretaria da Saúde e Ação Social Municipal. Está bastante descaracterizada e possui interesse de preservação.

Imagem 33: Casa Streb atualmente.

j) Casa Weick

Prédio de dois pavimentos que abrigou durante anos a Pensão Weick. Com interesse de preservação. Recentemente, foi reformada e ficou descaracterizada (foi construída uma janela no sótão, entre outros detalhes).

Imagem 34: Casa Weick atualmente.

Imagem 35: Casa Weick, antes da reforma (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

k) Fotos gerais da via

Imagem 36: Rua Daltro Filho vista da rua M. Barreto.

Imagem 37: Rua em direção à Rua J. Schury.

Imagem 38: Rua em direção à Rua Gal. Osório.

Imagem 39: Rua vindo da Rua Gal Osório.

3.4.2 Rua General Osório

Instituída pela Lei 86/58, de 28/11/1958, a rua tem dois sentidos, é asfaltada, tem um grande fluxo viário em dias-de-semana e, aos finais de semana, é uma rua praticamente deserta. O que dá animação à via durante a semana é uma escola particular e o comércio/serviço local. Cabe salientar que é a via, de toda a área do projeto, com maior caixa de rua, ou seja, é a rua mais larga, com 12 metros de largura. Além disso, é uma das poucas vias que estão no sistema municipal de transporte coletivo.

A iluminação pública é satisfatória e toda a rede elétrica e telefônica é aérea, poluindo a visão geral da área. A cobertura vegetal varia entre canteiros com vegetação original, coqueiros, ficus, arbustos, até pontos onde não há vegetação alguma. Além disso, em alguns casos, a vegetação interfere na rede elétrica.

Imagem 40: Vegetação variada ou inexistente.

Imagem 41: Vegetação alta interferindo na rede elétrica.

Sobre o mobiliário urbano, foram identificados bancos somente em frente à escola existente. Além da falta de bancos, os coletores de lixo estão mal conservados e são de baixo teor estético. As placas de sinalização acabam poluindo a visual geral da rua, assim como a rede elétrica, que é aérea. O passeio é completamente desconexo visualmente, com cores e materiais variados. Há paradas de ônibus em toda a extensão da rua, mas elas são mal conservadas e esteticamente simples e inadequadas.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 69 - MAPA 2/7.

Imagem 42: Coletores de lixo em mal estado de conservação.

Imagem 43: Passeios de materiais e cores variadas.

Os usos dos prédios se dividem em comércio/serviço e residencial, praticamente todos de um ou dois pavimento. Alguns têm três pavimentos e um se destaca, na esquina com a rua Daltro Filho, de 13 pavimentos. Dentre as ruas a serem estudadas, esta possui o maior número de prédios antigos descaracterizados, principalmente porque, por não possuírem recuo frontal, são transformados de prédios residenciais em comerciais/serviço. Já os prédios com recuo frontal de uso residencial são mais conservados. A rua abriga obras do arquiteto alemão Theodor Wiedersphan, como a prédio da Sede do Grêmio dos Funcionários Municipais e a fábrica Haas e Cia Ltda.

Imagem 44: Residência bem conservada.

Imagem 45: Casas tranformadas em comércio/serviço.

Imagem 46: Prédio que se destaca pela altura.

Imagem 47: Prédio do arquiteto Theo Wiederspahn.

a) Fotos gerais da via

Imagem 48: Vista da rua a partir da Rua Santos Pedroso.

Imagem 49: Vista da rua em direção à Rua Santos Pedroso.

Imagem 50: Vista da rua a partir da Rua Gal Daltro Filho.

Imagem 51:Vista da rua em direção à Rua Gal Daltro Filho.

3.4.3 Rua Frederico Mentz

É uma rua asfaltada, com dois sentidos. Tem um fluxo intenso, apesar de sua pequena extensão, principalmente durante a semana, já que liga a Av. Victor Hugo Kunz à Rua Gal Daltro Filho.

A iluminação pública é aérea e carece de mobiliário urbano adequado. É uma das poucas ruas, dentro da área do projeto, que está incluída no sistema de transporte público.

Salienta-se que esta rua é necessária para o projeto não pelo seu caráter histórico ou por possuir prédios importantes, e sim por ser uma importante ligação entre uma das principais vias de Novo Hamburgo – Av. Victor Hugo Kunz, à Hamburgo Velho, pela Rua Gal Daltro Filho. Além disso, na esquina desta rua com a Av. Victor Hugo Kunz há a Sociedade Ginástica de Hamburgo Velho, fundada em 1896, e que foi, nos seus tempos áureos, um importante ponto de encontro, de caráter cultural, social e esportivo, e que deveria, como os prédios já citados, ser restaurado.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 70 - MAPA 3/7.

a) Fotos gerais da via

Imagem 52: Vista da rua a partir da Av. Victor H. Kunz.

Imagem 53: Vista do meio da rua em direção à Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 54: Vista da rua a partir da Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 55: Vista do meio da rua em direção à Av. Victor H. Kunz.

3.4.3 Rua Mena Barreto

Rua asfaltada, de sentido único e liga a rua Mauá – rua lateral à Av. Victor Hugo Kunz, à Rua General Daltro Filho. Na ligação com a Rua Gal. Daltro Filho, além da via, há uma escadaria.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 71 - MAPA 4/7.

Imagem 56: Escadaria que liga a Rua Mena Barreto à Rua Gal. Daltro Filho.

a) Fotos gerais da via

Imagem 57: Vista da rua a partir da Rua Mauá (lateral da Av. Victor H. Kunz).

Imagem 58: Vista do meio da rua em direção à Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 59: Vista da rua a partir da Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 60: Vista da rua em direção Rua Mauá (lateral à Av. Victor H. Kunz).

3.4.4 Rua Marquês de Souza

Rua pavimentada com pedra irregular, com sentido único e não permite o tráfego de veículos pesados. Sendo a primeira rua de calçamento do município, foi preservada e, hoje, é a única via, na área, com calçamento original.

A rua é lindeira à apenas quatro lotes, dois com frente para a Rua Gal. Daltro Filho e dois lotes de frente para a Av. Victor Hugo Kunz. O único prédio residencial de frente para esta rua era um prédio antigo e que, depois de reformado, passou à comercial.

O passeio é laje de pedra grês em toda a extensão da rua, salientando que só há passeio em um lado da via. No outro lado, não há espaço para passeio, os lotes avançam até a via. Não há nenhum mobiliário urbano nesta via, a não ser os postes de iluminação pública, que não têm nenhum cuidado estético.

Até alguns anos atrás, era a principal via de acesso ao centro de Novo Hamburgo para quem vinha pela Rodovia Estadual RS-239.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 72 - MAPA 5/7.

a) Casa Presser

Construção com fachada eclética de dois pavimentos com porão e sótão. Recentemente, também foi reformada pelo mesmo arquiteto da Casa Weick e também está descaracterizada. O telhado foi modificado, foram incluídas três janelas. Atualmente, serve como prédio de serviço e comércio (importadora).

Imagem 61: Casa Presser atualmente.

b) Fotos gerais da via

Imagem 62: Vista da rua a partir da Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 63: Vista da rua em direção à Av. Victor H. Kunz.

Imagem 64: Vista da rua a partir da Av.Victor H. Kunz.

Imagem 65: Vista da rua em direção à Rua Gal. Daltro Filho (Casa Schmitt-Presser ao fundo).

3.4.5 Avenida Dr. Maurício Cardoso

Avenida asfaltada, com dois sentidos e traçado orgânico. Somente sua ponta leste foi considerada, uma vez que este trecho da via está dentro de Hamburgo Velho e se liga com a Rua General Daltro Filho.

Esta via tem um fluxo muito intenso, já que interliga vários bairros e abriga o Hospital Regina e o Campus um do Centro Universitário Feevale. Sendo assim, acaba escoando grande parte do seu tráfego para a Rua Gal. Daltro Filho, e esta fica saturada em diferentes horários do dia.

Na parte da via que fica dentro de Hamburgo Velho, não há faixas de segurança, a iluminação é aérea e carece de mobiliário urbano adequado. O passeio não segue um padrão, sendo que parece um “retalho” de vários materiais. A cobertura vegetal é, em grande parte, original. Algumas vegetações bloqueiam as fachadas dos prédios ou interferem na rele elétrica, que é aérea e acaba, junto com a vegetação, poluindo a visão geral da rua.

Uma característica importante é o passeio mais estreito que o ideal para uma avenida e, em alguns pontos onde têm canteiros com vegetação, fica difícil a passagem de duas pessoas ao mesmo tempo.

Além de alguns prédios de valor histórico com interesse em preservar, há um prédio multifamiliar contemporâneo de seis pavimentos, que destoa dos outros prédios da rua, que têm em geral dois pavimentos. Destes prédios antigos, alguns estão em mau estado de conservação ou descaracterizados.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 73 - MAPA 6/7.

Imagem 66: mostra parte do prédio contemporâneo ao lado do antigo Lar da Menina, prédio em ruínas (total descaso com o patrimônio histórico da cidade).

a) Casa Kayser

Casa bastante antiga em estrutura enxaimel. Provavelmente, durante o período da 2ª Guerra, os moradores esconderam com reboco esta estrutura. A casa está praticamente intacta, existe uma padaria desativada com fornos nos fundos. O balcão e armários da padaria, na sala frontal, continuam preservados e servem de divisória entre a sala e a cozinha.

Imagem 67: Casa Kayser atualmente.

b) Casa Camerini

Com interesse de preservação, é uma construção eclética de dois pavimentos, com sótão. Ao longo dos anos, foi reformada e teve algumas descaracterizações de elementos originais. Atualmente, funciona como restaurante.

Imagem 68: Casa Camerini
(FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008)

Imagem 69: Casa Camerini hoje
é um restaurante.

c) Lar da Menina (Evangeliches Stifft)

Prédio de valor histórico com interesse na preservação, está situado na Av. Dr. Maurício Cardoso, 132, inicialmente foi uma escola.

De acordo com Fundação Scheffel (2008), em 1886, as irmãs Lina e Amália Engel adquiriram um prédio pertencente ao senhor Jacob Kroeff, localizado no Hamburgerberg (Hamburgo Velho), para instalarem uma escola evangélica para moças teuto-brasileiras. Foi doado pelas irmãs, em 1895, ao Sínodo Evangélico Rio-grandense. Em 1896, o prédio foi ampliado com verbas comunitárias e, por volta de 1940, foi vendido. Na década de 50, ali funcionou, com o nome Flori, uma fábrica de camisas, pijamas e sapatos, cujos proprietários eram Arlindo e Martin Thoen e Albano Steigleder. Na década de 70, ali funcionava o Lar da Menina da Fundação Dom Bosco, até os primeiros anos da década de 80, sendo utilizado, posteriormente, para o Atelier Livre e o Albergue Municipal.

Hoje, encontra-se desocupado e em ruínas após o incêndio, ocorrido na década de 90, que o deixou em péssimo estado de conservação.

Imagem 70: Lar da Menina
antigamente (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008)

Imagem 71: Prédio do antigo Lar da Menina,
após o incêndio (FUNDAÇÃO SCHEFFEL, 2008).

d) Fotos gerais da via

Imagem 72: Vista da avenida no ponto
onde ela liga na Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 73: Vista da rua em direção à
Rua Julio Kunz.

Imagem 74: Vista da avenida em direção à Rua Gal. Daltro Filho.

Imagem 75: Vista da avenida, esquina com Rua Julio Kunz em direção à Rua Gal. Daltro Filho.

3.4.6 Rua Júlio Kunz

Rua asfaltada, com sentido único e sem passeio em sua extensão. É a rua mais estreita da área do projeto, sendo praticamente uma “viela”. Por este motivo, é uma rua onde as pessoas gostam de estar ou atravessar, dá a sensação de ser um outro lugar, em alguma cidadela antiga.

Esta via faz lateral com a Igreja do Três Reis Magos, na esquina da Rua General Daltro Filho, e lateral à antiga Casa Camerini, na esquina com a Av. Dr. Maurício Cardoso. O mobiliário urbano é inexistente, e as placas de sinalização acabam poluindo a visual da rua.

Logo na esquina da via com a Av. Dr. Maurício Cardoso, há um grande lote vazio, onde, antigamente, havia casas geminadas, criando um grande vazio urbano e tirando um pouco a agradável sensação de atravessar esta rua.

Observação: ver mapa do sistema viário e usos na página 73 - MAPA 6/7.

Imagem 76: À esquerda pode-se ver as casas antigas geminadas (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008)

Imagem 77: As casas viraram um muro, escondendo um grande vazio urbano.

Imagem 78 : O terreno baldio na entrada do rua cria um grande vazio urbano.

É proibido o tráfego de veículos pesados na via, mas como essa proibição não era respeitada, atualmente, a Secretaria de Trânsito implantou na entrada da rua um limitador de altura, chamado de “goleira”, para evitar o trânsito de veículos pesados (ver Anexo 16).

Imagem 79: “Goleira” instalada na entrada da rua.

a) Igreja Evangélica TRÊS REIS MAGOS

Igreja de dois pavimentos, inaugurada em 1926, sendo que a torre data de 1895. Encontra-se preservada e possui interesse de preservação. Sua escadaria fica para a Rua Gal Daltro Filho, mas também possui entrada e estacionamento pela Rua Júlio Kunz, onde há também a Casa Evangélica.

Imagem 80: Igreja Evangélica dos Três Reis Magos

b) Fotos gerais da via

Imagem 81: Entrada da via pela Av. Maurício Cardoso.

Imagem 82: vista interna da rua em direção à Maurício Cardoso.

Imagem 83: vista da rua em direção à Rua Gal Daltro Filho.

Imagem 84: Vista da rua pela Rua . Gal. Daltro Filho.

3.5 MAPAS DETALHADOS DOS LEVANTAMENTOS DO OBJETO DE ESTUDO

Os mapas à seguir referem-se ao levantamento de campo realizado para melhor compreensão das características do local estudado, assim como suas potencialidades e carências.

No levantamento foram considerados os seguintes aspectos: sistema viário, pavimentação, volumetrias e usos dos prédios, mobiliários urbanos, arborização, dentre outros.

Mapa 1/7 – Rua General Daltro Filho;

Mapa 2/7 – Rua General Osório;

Mapa 3/7 – Rua Frederico Mentz;

Mapa 4/7 – Rua Mena Barreto;

Mapa 5/7 – Rua Marquês de Souza;

Mapa 6/7 – Avenida Dr. Maurício Cardoso, Rua Júlio Kunz e Rua Piratini;

Mapa 7/7 – Mapa geral do levantamento, contendo todas as ruas levantadas.

MAPA 1/7

MAPA 2/7

MAPA 3/7

MAPA 4/7

MAPA 5/7

MAPA 6/7

MAPA 7/7